

UM OLHAR OUTRO

Amanhã, sábado, retomaremos as celebrações comunitárias na Paróquia. As de domingo, progressivamente: começaremos com 3: 9.00, 11.00 e 19.00, além da vespertina de sábado. Durante a semana, retomaremos as celebrações por inteiro: 8.00 (S. José só à quinta-feira), 9.00 (Senhor da Cruz), 15.30 (Terço) e 19.00 (Matriz).

Interrompidas a 14 de Março (sábado), foram onze semanas em que eu fiz a experiência de celebrar «em privado», como foi superiormente decidido. Nunca o foi absolutamente, de facto, porquanto o ministério sacerdotal, a acção pastoral é, por natureza, serviço ao povo de Deus, cuidado de pastor para com o rebanho. O que se realiza sempre quando o sacerdote celebra pelo seu povo (a missa pelo povo é obrigatória para o pároco nos dias de preceito) e reza por ele, diariamente. Aconteceu que, não me sentindo bem a celebrar sozinho e em casa, sempre continuei a celebrar na Igreja Matriz (mais tarde também nas restantes igrejas a mim confiadas, onde habitualmente se conserva a Presença Real de Jesus nas hóstias consagradas). E comigo, ao menos o sacristão, que continuou no seu posto de trabalho, a cuidar da igreja, e os leitores. Neles eu olhava para uma igreja «cheia», numa assembleia alargada aos que sintonizavam o facebook da Paróquia.

Dou graças a Deus por poder comunicar via redes sociais, que se revelaram importantes para minorar os efeitos do confinamento.

Como olho para o dia de amanhã e seguintes?

Com tranquilidade. Porque reconheço que a gravidade da situação foi «encaixada» pela generalidade do povo, com relevo para a Igreja que, estando à altura, deu exemplo à sociedade no respeito pela vida de todos, sacrificando elementos considerados essenciais na sua acção. A vida, valor supremo, esteve em primeiro lugar. Como tinha mesmo de ser.

Reconheço que houve exageros no confinamento. Eu próprio os senti na pele. Já o disse e repito: só um laicismo vesgo é que pode ter medo do que os padres possam fazer para minorar os efeitos do confinamento. E como os nossos cristãos precisaram de sinais e gestos que os ajudassem a estar em casa sem desligar das suas raízes e tradições.

Reconheço também uma «psicose» de segurança nas vésperas de retomarmos as celebrações comunitárias. Há aquelas que considero elementares e outras que não são exequíveis em todos os contextos. A minha tranquilidade afirmada acima diz apenas a minha intenção de cuidar o essencial na celebração: sentir-me a viver a missa e procurar que todos os participantes a vivam por «dentro», sem medo e com confiança.

De facto, a confiança existe quando nos sentimos seguros. Mas esta segurança é algo não apenas exterior - o cumprimento das regras - mas interior: confio que eu e todos os que me rodeiam somos responsáveis (exigência da minha fé em Jesus). Mas sabemos também que a confiança se cuida e se vai adquirindo progressivamente. É natural que nem todos os que desejam retomar a celebração comunitária se sintam já confiantes e seguros. Precisarão de mais tempo. O mesmo acontece comigo, que sou chamado a gerir as expectativas: talvez no início nem seja necessário reduzir os lugares na igreja (está preparada para tal). Por isso, apenas acautelei os espaços e celebrações tendo em conta a participação média antes da pandemia e o espaço disponível. E terei uma ou duas semanas para, continuando todas as celebrações à semana como antes, poder decidir se continuaremos com todas as celebrações ou suspenderemos algumas, como acontece um pouco por todo o lado. A minha leitura da situação coincide com a de muitos cristãos responsáveis: há missas a mais na cidade, o que implica sensatez e sentido de responsabilidade de todos os intervenientes.

Espero que o retomar das celebrações manifeste o crescimento interior, pessoal e familiar, dos cristãos que descobriram, no confinamento necessário, o valor da família como igreja doméstica e o valor da comunidade. E que venham com ânsia de participar, de se dar as mãos, de assumir o ser Igreja e Paróquia, não como espectadores passivos, mas participantes activos na vida comunitária.

O Prior - P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 300 ex.



A FORÇA QUE A MISSA ACENDE NOS CATÓLICOS

A verdadeira pergunta, para nós, cristãos, é como o regresso à missa vai mudar a nossa vida. Os nossos colegas e amigos dar-se-ão conta de que para nós é melhor ir à missa em vez de olhar para o papa, o bispo ou o pároco na televisão ou na internet? Não seria bonito descobrir que o regresso à missa "sacia" a nossa fome de Deus, mas que tudo acaba aí. Seria terrível se, terminada a celebração, nos descobrissemos pagãos como antes, centrados em nós próprios, e não nos outros, como se não fôssemos enxertados no Corpo de Cristo.

O MESSIAS DE HAENDEL

Contam os biógrafos que Haendel dirigiu a sua célebre oratória "O Messias" na presença de Jorge II, rei da Inglaterra, que aos primeiros compassos do Aleluia se pôs instintivamente de pé, gesto que foi acompanhado por toda a assembleia que assistia à execução dessa belíssima peça musical, antes de compor o Messias, Haendel estava muito doente. Tinha bastantes dívidas e estava ameaçado de ser levado aos tribunais e ser metido na prisão. Ia perdendo a visão, não se alimentava, estava deprimido...

Um belo dia, enquanto rezava dirigiu-se a Deus com esta lamentação tirada dos salmos: "Meus Deus, meu Deus, porque me abandonaste?"

Ele mesmo conta que, nesse momento, teve a impressão de que a sala se iluminava enquanto o seu coração batia com ritmo acelerado. Desapareceu o cansaço, a tristeza e a depressão. Sentou-se diante do piano e começou a compor o Messias. Foram 14 dias de trabalho, quase sem interrupção. Esta sua obra prima fala da Ressurreição porque ele próprio tinha renascido das lágrimas do desespero para uma nova vida de esperança. Daí o agradecido e triunfante final do seu Aleluia.

BODAS DE PRATA

Vão celebrar na próxima quinta-feira, dia 4, as suas bodas de prata de casamento **Francisco Vasco Remelhe Pereira e Maria Rosa Azevedo Barbosa Gomes**. O casamento foi celebrado na Igreja de Vila Frescaíña (São Martinho) no dia 04 de Junho de 1995. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

PARA ELES OS NOSSOS PARABÉNS



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 22 - 31 de Maio de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Do medo à paz ontem e hoje pela acção do Espírito Santo

Ao terminar o tempo pascal, a Liturgia da Igreja leva-nos, uma vez mais a Jerusalém. O «lugar onde os discípulos se encontravam com medo dos judeus» transforma-se em lugar de paz em vez de «prisão de medo». Quem poderia «dar a volta» a uma situação tão trágica, em que, com a morte do Senhor, morreram todos os sonhos e o sol se eclipsara para sempre, como eles pensaram?

A festa das colheitas, que os judeus celebravam com uma dimensão histórica, reportando-a à Aliança do Sinai, tornou-se a festa do Pentecostes, porque celebrada 50 dias após a Páscoa. E Lucas, o autor dos Actos e do Evangelho, retoma a narrativa do Êxodo para falar em ruído, vento e fogo, sinais da Presença do divino em acção agora sobre os Apóstolos, como outrora sobre Moisés, com quem faz Aliança, que as 12 tribos do povo de Israel aceitaram.

Assim, o Pentecostes renova a Aliança da Humanidade com Deus: estão ali os 12 apóstolos e os povos citados, que os ouviam falar na própria língua, correspondem a todos os povos do mundo, unidos e capazes de entender a linguagem de Deus, a do amor.

Ao contrário de Babel - confusão das línguas, tentativa vã de uniformizar e sujeitar os povos ao projecto megalómano e demencial de uma torre a chegar ao céu, e que Deus não permitira - no Pentecostes, O Espírito Santo desce ao meio dos homens não para separar mas para unir, mantendo a diversidade, que enriquece a vida.

Por meio dos Apóstolos, que todos entendem como se fosse na sua própria língua ou cultura, é sempre possível cantar as maravilhas de Deus.

Situada esta narrativa no princípio da sua segunda obra, os Actos dos Apóstolos, logo a seguir ao relato da Ascensão, repetido da sua primeira obra, o evangelho, Lucas aponta para o tempo novo, o tempo da Igreja, que segue e testemunha o Ressuscitado.

No «primeiro dia da semana», como diz repetidamente S. João, a Presença do Ressuscitado transforma o medo em missão urgente e imediata. E, «cheios de alegria ao verem o Senhor» os apóstolos partem com a «paz» de Jesus Ressuscitado para anunciarem a toda a Humanidade o perdão que Deus oferece e que o Espírito «trabalha» no coração de cada um.

É esta acção que ainda hoje se continua na Igreja: nesta vemos, com os olhos humanos, uma estrutura, um governo, uma história e uma promessa. Mas ela, na verdade é muito mais que isso: o que não vemos, isto é o que sentimos, a esperança que nos anima e a certeza de que «um dia veremos Deus face a face», é a «outra» parte da única Verdade. A tal «parte» que se vai «tocando» com o passar do tempo quando nos tornamos capazes de juntar as diversas experiências de uma vida crente e reconhecer que os «laços» que as unem dizem a acção misteriosa do Espírito Santo em nós. Que neste dia do Pentecostes se avive a consciência da maravilhosa, embora misteriosa, acção do Espírito Santo em nós e na Igreja.

Sem Ele, a Igreja não passaria de uma empresa humana há muito falida. Com Ele, a Igreja cumpre a missão primeira de reconciliar e harmonizar a sociedade.

AGENDAR CASAMENTOS

Nesta altura do ano, abertas já as igrejas às celebrações comunitárias, já não se justifica adiar os casamentos, ao menos os previstos para a Igreja Matriz, que se possam limitar a uma assembleia de 120 pessoas. A remarcação de todos os que foram adiados para o próximo ano vai dificultar aqueles que começam agora o processo de agendamento.

Por isso, pedimos:

1. Quem puder manter as datas previstas, não adie.
2. Quem decidiu adiar, que o comunique e espere pela decisão.
3. Quem pensa casar no próximo ano pode começar a fazer os seus pedidos. Pede-se que os interessados entreguem a ficha preenchida até fins de Agosto de modo a que o Prior possa fazer os ajustes necessários em caso de coincidência de datas ou de horários. Além do encontro inicial com o Prior, cada par de noivos deverá providenciar a sua preparação próxima, quer com o CPM, quer com outros encontros, que os párocos sugerem.

Quanto ao processo canónico e civil, os documentos devem dar entrada no Cartório um mês antes. Se forem presididos pelo Prior, como é de norma que seja ele a presidir no âmbito da sua paróquia, nenhum par será dispensado de um contacto progressivo de modo a poder ser bem preparada a celebração.



MISSAS À SEMANA E AO DOMINGO, SEM TRANSMISSÃO

Retomadas as celebrações comunitárias, à semelhança do que fez o Papa e o senhor Arcebispo, deixa de ser transmitida via facebook da Paróquia a celebração diária da Eucaristia. Não faltam possibilidades de participar na missa diária na cidade de Barcelos. Durante a semana, teremos às 9.00 no Senhor da Cruz, às 15.30 na Igreja do Terço e na Matriz às 19.00. S. José será apenas às 8.00 de quinta-feira.

No domingo mantêm-se, por enquanto, três: 9.00, 11.00 e 19.00.

O Prior de Barcelos - P. Abílio Cardoso

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
DOMINGO DE PENTECOSTES

Ergue-Se Deus, o Senhor,
em júbilo e ao som da trombeta

SEGUNDA, 1 – Bem-aventurada Virgem Maria,
Mãe da Igreja

Leituras: Gen 3, 9-15. 20
Jo 19, 25-34

TERÇA, 2 – S. Marcelino e S. Pedro

Leituras: 2 Pedro 3, 12-15a. 17-18
Mc 12, 13-17

QUARTA, 3 – Ss. Carlos Lwanga e companheiros

Leituras: 2 Tim 1, 1-3. 6-12
Mc 12, 18-27

QUINTA, 4 – Leituras: 2 Tim 2, 8-15

Mc 12, 28b-34

SEXTA, 5 – S. Bonifácio

Leituras: 2 Tim 3, 10-17
Mc 12, 35-37

SÁBADO, 6 – Santa Maria e S. Norberto

Leituras: 2 Tim 4, 1-8
Mc 12, 38-44

DOMINGO, 7 – SANTÍSSIMA TRINDADE

Leituras: Ex 34, 4b-6. 8-9
2 Cor 13, 11-13
Jo 3, 16-18

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 1 – António Araújo Ferreira (1º aniv.) e filho António Carlos
– Maria Laura Matos de Almeida Viana Lopes (7º dia)

Terça, 2 – Família Sousa Graça

Quarta, 3 – Maria Luísa Sousa Nunes de familiares

Quinta, 4 – Intenções colectivas:

– António Maria P. Rodrigues

Sexta, 5 – Alfredo Gonçalves da Silva (7º dia)

Sábado, 6 – Intenções colectivas:

– Amélia Alda Amaral Neiva

– Domingos Ferreira da Cruz

– Maria Fernandes da Silva

– Dra. Clementina Rosa Rego Graça Esteves

– Pelas Almas do Purgatório

– José Celestino Costa, Mª Antónia Pereira da Quinta e filhos

– Bernardino Pereira da Costa e familiares de Tereza Carreiras

Domingo, 7 – 11.00 – Missa pelo povo

19.00 – Pelos irmãos, vivos e falecidos

da Irmandade de Santa Maria Maior



O QUE NOS ESTÃO A ENSINAR

- Já não bastava a palavra «pessoa» remontar ao grego «prósopon», que significa «máscara». Tal é a aceção que lhe dá Homero na «Odisseia».
- O curioso é que, ainda hoje, os intervenientes numa peça de teatro são denominados «personagens». Neste caso, o latim «persona» sinalizaria o facto de o actor fazer «soar», através de uma abertura na máscara à volta da boca, o som da personagem que representava.
- À partida, já é difícil mostrar plenamente o que se é e permitir ver cabalmente o que somos. Agora, temos de usar «máscara» em cima de «máscara», o que exponencia as dificuldades de nos darmos a conhecer.
- É um fenómeno estranho, mas a que nos vamos habituando. A máscara é o que mais nos pode proteger e proteger os outros. Os tempos de pandemia são uma «escola», onde temos de aprender uma espécie de mundo virado ao avesso.
- Também nunca pensamos que o distanciamento fosse uma via, uma protecção, uma prova de amor. Somos tributários de uma cultura da proximidade. E a proximidade não é para descartar.
- Há muitas formas de exercer a proximidade sem estar fisicamente perto. É claro que custa — dói mesmo muito — não poder cumprimentar, estender a mão, abraçar.
- Nesta altura, o distanciamento pode ajudar a poupar-nos a vida. Trata-se de um passo atrás, para que — um dia,

querendo Deus — a proximidade possa voltar reforçada, em autenticidade e festa. Nesta fase, dizem-nos para não «baixarmos a guarda». Qualquer deslize pode ser fatal. E até algum medo — que nunca é boa companhia — pode servir de alerta para que não cometamos uma imprudência perigosa.

8. Nunca pensamos vir a aprender o que nos têm ensinado. Eis um «mundo novo», não muito «admirável», mas real e sem direito a contraditório. É claro que não é agradável ter de medir distâncias e colocarmo-nos suficientemente longe.

É, porém, a vida — o primeiro e maior dom de Deus — que está em causa.

9. Temos de viver em sentido contrário para — é esta a nossa esperança — voltarmos a celebrar o que sempre mais prezamos e estimamos. Dizem que não iremos mais voltar ao «normal».

O que vínhamos fazendo não era de todo exemplar. Mas continha muitas virtualidades que não podem ser «arrumadas».

10. Agora, temos de «salvar a vida». E depois havemos de celebrar a alegria de viver: de estar, de abraçar, de visitar. Deus quer fazer algo novo connosco (cf. Is 43, 19), sem desconfianças, sem confinamentos e distâncias. Demos, por agora, este «passo atrás», este passo suspenso. O melhor está para vir. Quem sabe se mais perto do que imaginamos?

João António Pinheiro Teixeira, In DM 26.05.2020

BAPTIZADOS

Retomadas as celebrações comunitárias é hora de reagendar os baptizados que já estavam em processo de preparação. Apela-se às famílias que o façam. Se o respeito pelas condicionantes o permitir, poderemos pensar a festa da padroeira, 15 de Agosto, como data possível para uma celebração comunitária.

CATEQUESE – Saúdo e agradeço o trabalho dos nossos catequistas, que souberam manter o contacto com as nossas crianças e com os pais, em tempo de confinamento e sem as sessões presenciais aos sábados. Agora estão empenhados em possibilitar que todos os grupos possam ainda celebrar a sua festa anual. Oxalá encontrem a melhor colaboração por parte dos pais para uma catequese presencial intensiva, que estão a agendar.

INSCRIÇÕES NA CATEQUESE – As crianças que vão frequentar pela primeira vez a catequese (poderá ser ou não na Casa do Menino Deus) deverão fazer de imediato a inscrição no Cartório Paroquial. Os que já frequentam devem inscrever-se junto dos catequistas.

MÊS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – A piedade popular dedicou o mês de junho ao Coração de Jesus, devoção que se centra na Eucaristia, presença amorosa de Jesus entre nós.

PEDIDOS DE INTENÇÕES DE MISSAS – Agora que o número de missas diminuiu bastante — era previsível o efeito da «demasiada oferta» em contravenção das normas da Santa Sé — passa a não justificar-se as «missas colectivas» que apenas podem acontecer duas vezes por semana na mesma igreja.

O boletim paroquial vai passar a incluir as intenções das eucaristias a celebrar também na igreja do Terço e do Senhor da Cruz e de S. José. Ao Cartório Paroquial serão comunicadas até quinta-feira. E os pedidos em excesso para uma igreja poderão ser cumpridos noutra igreja. Pede-se a todos, particularmente aos que costumam mandar celebrar no Terço, no Senhor da Cruz e em S. José, que, não tendo sido celebradas as intenções pedidas, que voltem a fazê-lo telefonando para o Cartório Paroquial.

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Anónimo – 5,00
- Família n.º 121 – 15,00
- Anónimo – 20,00
- João Machado (Hotel-Lar) – 20,00
- Família n.º 490 – 20,00
- Anónimo – 25,00
- Manuel Vilas Boas – 30,00

TOTAL DA SEMANA – 135,00 euros

A transportar: 21.643,95 euros
Despesas até agora: 31.233,59 euros

**AS “NOVAS NORMALIDADES”
A QUE TEMOS DE NOS HABITUAR**

A sociedade civil e agora também a religiosa (Igreja) começaram uma (a civil), e outra vai começar no dia 30 (a Igreja) uma nova vida. Tal vida vai exigir de todos nós novos hábitos. Referir-me-ei mais aos religiosos sem esquecer os civis.

Há pessoas que na Igreja ocupam sempre o mesmo lugar, quer haja muita quer pouca gente. Têm que mudar esse costume!

Há pessoas que na Igreja nem se ajoelham nem se sentam. Estão sempre de pé. Têm que mudar esses costumes!

Há pessoas que se acamam, por vezes, umas contra as outras nos bancos, sendo certo que, à beira, há bancos quase vazios. Têm que mudar esse costume! Há pessoas que ficam logo às entradas das portas, impedindo que outros entrem sem obstáculos. Têm que mudar de feitio!

Há pessoas que pura e simplesmente negam sugestões de alguém, para ocupar este ou aquele lugar, mais cómodo, mais visível e mais perto do altar. Têm que aceitar outras orientações de equipas de acolhimento que os levarão ao lugar mais adequado.

Há pessoas que se negam a comungar na mão e, quais saudosistas, teimam em querer comungar pelas mãos do celebrante. Têm que mudar de ideias, pois apenas poderão comungar na mão, obrigatoriamente e serão dadas normas aos ministros da comunhão para não dar a comunhão na boca a ninguém. Também estas têm que mudar de hábitos.

Há pessoas que, no final das Eucaristias, gostam de ficar a falar na Igreja umas com as outras. Têm que mudar de conversa e de disco. Há pessoas que fazem da Eucaristia (missa) um frete, porque entram em silêncio e saem calados, sem abrir a boca na Igreja. Devem fazer um esforço para viver melhor a missa.

Há pessoas que gostam de fazer do “momento da paz” uma “feirinha”, que até se compreende pela alegria que sentem de serem irmãos em Cristo e uns dos outros, vivendo o mandamento do amor. Mesmo assim, devem moderar-se agora, pois não haverá esse gesto, pelo menos convidado pelo sacerdote. Entre famílias (pais e filhos, se estiverem juntos seria o ideal) podem fazê-lo, sem serem convidados pelo celebrante.

Há pessoas para quem a novidade é sempre má, quer venha da parte do Governo, quer da parte da Igreja. Estão sempre no contra. Têm que alterar o modo de pensar, pois a sociedade moderna está em contínua mudança e, reagindo pelo contra, perdemos o combóio e ficamos para trás. Tudo isto vem a propósito do “novo normal” em que estamos condenados a viver, numa simbiose dos nossos problemas do dia a dia, mais aquele intruso que se veio meter na nossa vida e que dá pelo nome de Coronavírus ou Covid-19. Lutemos contra ele. Fã-lo-emos se formos cumpridores daquilo que nos “impõem” para nosso bem. Disso não temos dúvidas. Dêmos o exemplo, como cidadãos e como cristãos.

In Rumo e Acção, n. 1539

FAÇAMOS CONHECER E AMAR MARIA

ESTA MEDALHA PERTENCIA À MINHA MÃE... A RSA (Revenu de Solidarité Active, Renda de Solidariedade Ativa), é direcionada às pessoas em situação de necessidade temporária ou durável... Fiona Gélin, atriz francesa, de 55 anos, filha do ator Daniel Gélin, dá o seu testemunho no site do jornal francês France Dimanche, de domingo, 9 de fevereiro de 2018: “Nos últimos três anos, conto com a RSA e, ‘graças’ a uma artose, também recebo, desde o início deste ano, o subsídio para adultos com deficiência. Mas o que me dá mais alegria é que passei a caminhar, normalmente, desde junho passado. E devo este milagre a uma medalha que encontrei numa roupa velha, que eu já não usava havia uns dez anos. Esta medalha pertencia à minha mãe...”

France-Dimanche: Você acredita em milagres?
FG: Visto o que me aconteceu, só posso acreditar em milagres. Devo dizer que rezo todas as manhãs, dirigindo-me à Virgem Maria, e isso, desde 1996. Fiz até uma tatuagem dela no meu ombro. Antes, eu era atea. Tornei-me cristã fervorosa, após a minha primeira internação no hospital psiquiátrico de Sainte-Anne em Paris (França).”

France Dimanche, In Um minuto com Maria (2/5/2020)

